

A pertinência do discurso freudiano sobre o fenômeno religião

The relevance of Freudian discourse on the phenomenon religion

André Rocha Lopes de Souza*
admrochas@gmail.com

Resumo:

O que permanece do discurso de Sigmund Freud sobre o fenômeno religião? É essa pergunta que se propõe responder; contudo não é através de um freudiano ou pós freudiano que tal resposta há de vir, muito menos de qualquer abordagem que tenha sua origem ou reflexão na psicanálise, mas por um teólogo, a saber, Hans Küng. Se há algo que valha apenas ser lido e relido na obra de Freud, e que sirva àqueles que têm como objeto de pesquisa a religião, então o discurso de Freud tem que servir a esses também e não só a psicólogos e psicanalistas. Portanto, um sociólogo, um antropólogo, um cientista da religião e um teólogo podem fazer uso das análises de Freud sobre o objeto religião. Em suma, este trabalho é a perspectiva de Hans Küng, sobre Freud, e que irá se sobrepor sobre as demais.

Palavras-chave: religião, psicanálise, Freud, Hans Küng.

Abstract:

What remains of the discourse of Sigmund Freud about the phenomenon of religion? It is this question that I endeavor to answer; however it is not through a Freudian or post-Freudian that that answer is coming, much less from any approach that has its origin or reflection in psychoanalysis, but from a theologian, namely, Hans Küng . If there is something worth reading and rereading in Freud's work, and that serves those whose research object is religion, then the discourse of Freud has to serve these as well, and not only psychologists and psychoanalysts. Therefore, a sociologist, an anthropologist, a scientist of religion and a theologian can make use of Freud's analysis of the object religion. In short, this work is the prospect of Hans Küng on Freud, that will be superimposed over the other.

Keywords: religion, psychoanalysis, Freud, Hans Küng.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução

Precisamente 86 anos se passaram desde a publicação do *Futuro de uma ilusão* (1927). Nesta obra, Freud, com seu caráter iconoclasta, faz suas mais severas críticas à religião e as ideias religiosas, argumentando que estas são fruto do desamparo humano, que em consonância com os desejos e a insignificância humana diante dos poderes da natureza, não obstante o complexo paterno, fazem das ideias religiosas um misto de ilusão. Freud não só elaborou uma teoria sobre a gênese da religião e da religiosidade na referida obra, como também formulou um prognóstico sobre o fim da religião a partir dos avanços da ciência. O fim da religião com os avanços da ciência não se realizou, ao menos no contexto religioso latino-americano, contudo o discurso de Freud, “mestre da suspeita”, ressoa, e será que ele ainda é pertinente, para o entendimento do fenômeno religião?

Neste sentido, a intenção do retorno às críticas de Freud feitas a religião, têm como objetivo regatar o que há de mais profundo em sua análise do fenômeno religião, pois é do conhecimento “comum”, ao menos daqueles que conhecem as críticas de Freud, que o criador da psicanálise sustentava o discurso da negação, da ilusão no que tange as ideias religiosas.

Deste modo, o objetivo do presente artigo é apreender do discurso freudiano algo mais do que apenas o discurso da religião como “neurose obsessiva universal”; no decorrer do trabalho serão ressaltados através dos comentários de alguns pensadores, mas principalmente de Huns Küng, o que ainda há de relevante para o entendimento do fenômeno religião, tendo à guisa de reflexão as críticas de Freud que ainda são relevantes para a compreensão de tal fenômeno. Em *O seminário I: os escritos técnicos de Freud*, Jacques Lacan aponta para aquilo que são os desígnios desse artigo:

O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente de dialética.... O que está em questão é a subjetividade do sujeito nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida (Lacan, 1953-54, p.9).

São as palavras gastas a quem Lacan se refere que pretende se não incorrer, mas a abertura à revisão. Que o próprio Freud dá indícios, fazendo uso do método por ele criado, dizendo:

Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas (Freud, 1927, p. 24).

Em suma, não é apenas o pensamento de Freud que encontra-se em aberto, mas também toda a atmosfera bélica que se construiu entorno da relação entre Freud e a religião ou entre a psicanálise e a religião. De modo que, o discurso de Freud não pode ser encarado mais como uma ofensa aos valores ético-morais das ideias religiosas. Muito menos fazer embustes, com proselitismos seja a favor da religião ou da ciência. O tom da reflexão será, embora essa atitude não agrade a todos, do equilíbrio. Sem profetismos, que tendem à cientificar, tal como Freud, um fenômeno que escapa da mera descrição. E sem anátemas do lado da religião, que tendem de maneira inversa à ciência, absolutizar as compreensões da realidade, levando apenas em consideração a perspectiva da fé. Se aprendemos algo, ao longo de toda a história, seja ela, da ciência ou da igreja ocidental, é que paradigmas e dogmas estão sempre por ser reavaliados, repensados com o caminhar da história, sempre atravessados por revoluções no campos da ideias.

O início e o fim religião segundo Freud.

Os textos em que Freud trata de temas que não são da alçada da psicanálise, mas que de certa forma estão estritamente ligados com o objeto de estudo desta, o homem, são *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), *Totem e tabu* (1913 - 1914), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal estar na civilização* (1929), *A questão de uma Weltanschauung* (1933), *Moises e o Monoteísmo* (1937). Esses ensaios freudianos demonstram o grande interesse de Freud por temas como cultura, civilização, política, história e principalmente religião. Sobre esta última, Freud, elenca alguns motivos ou origens para a formação da religião, que são: o complexo paterno, o desamparo, a necessidade de proteção que é uma consequência do desamparo, sejam os perigos que a natureza oferece, ou a própria sujeição ao qual o indivíduo está exposto ao nascer, cuidados e etc., por fim os desejos humanos; a religião e religiosidade encontram aí sua “*filogênese*” e “*ontogênese*”

No complexo paterno, dá-se a relação ambivalente entre pai e criança, que na teoria psicanalítica se conceitua como complexo de Édipo, que é tido como um período

ou estágio em que o ser humano passa ou vivencia no seu núcleo familiar com qualquer figura paterna, que venha se tornar uma ameaça à relação com a mãe.

Freud esclarece:

Desta maneira, a mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade, podemos dizer (Freud, 1927,p.32).

No decorrer da relação mãe e filho, há uma interdição paterna, a mãe é substituída pelo pai, mais forte. “O próprio pai constitui um perigo para a criança, talvez por causa do relacionamento anterior dela com a mãe, ela o teme tanto quanto anseia por ele e o admira” (Freud, 1927, p.32). Freud demonstra como que essa relação ambivalente, pai e filho, homem e Deus está impregnada em todas as religiões monoteístas, ou seja, a relação da criança com a figura paterna é correlacionada com a relação do homem com Deus.

O segundo fator apontado por Freud é o desamparo humano, sua insignificância diante das forças da natureza e das forças do destino: “a terra que treme; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, as doenças, e finalmente o penoso enigma da morte” (Freud, 1927, p.24), as catástrofes naturais às quais, todo ser humano está fadado. Esse desamparo, que tem origem na palavra alemã *Hilflosigkeit*, e pode ser dividido, para melhor compreensão, em *Hilflosigkeit* orgânica, psicológica e ontológica¹. Todas essas perspectivas de compreensão convergem para uma noção de desamparo que reverbera no sujeito como um todo. E que finda numa necessidade de proteção que o sujeito não sabe explicar. Todas essas peculiaridades do ser humano determinaram segundo Freud a formação e continuação da religião. Neste processo o homem, antes de procurar uma explicação na razão, começou a antropomorfizar a natureza. Assim, atribuir características humanas a natureza fez com que o homem se reconhecesse na natureza, se relacionando com a natureza da mesma forma como lida com as próprias paixões².

¹ Para maiores esclarecimentos vide o primeiro capítulo da dissertação de RODRIGUES, Patrícia M. **Religião, ciência e arte como respostas ao desamparo humano**: a perspectiva de Sigmund Freud. 2009. 96f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

² O mito é um bom exemplo de como o homem se relacionava com a natureza, ao mesmo em tempo que era uma tentativa de explicação da realidade. [Nota do autor]

Freud descreve:

Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele -, mas lhes concede o caráter de um pai (Freud, 1927, p. 26).

Ainda hoje, nas religiões de origem cristã, a figura de Deus é representada como um pai, e mesmo nas religiões não cristãs, deístas, a figura do criador é de características humanas. Durante suas conjunturas com relação ao desamparo, Freud assemelha esse período humano de conceder características humanas a natureza à infância, dizendo que esse mecanismo de dominação da natureza tem não só um modelo infantil, mas filogenético (Freud, 1927, p.26).

Segundo Freud:

Já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temê-los, especialmente nosso pai; contudo estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos (Freud, 1927, p.26).

O último móvel sobre qual a religião e religiosidade se erigiram, e que garante a constância destas, é o desejo. Ele consolida todas as questões anteriores, está imune a razão, a todos os argumentos científicos. O desejo está implicado na formação das idéias religiosas, tanto é que Freud vai mais fundo em sua empreitada sobre as ideias religiosas. Ele almeja saber onde reside a força interior das doutrinas religiosas, de onde vem sua eficácia, mesmo que a razão não reconheça tais doutrinas. “Trata-se de um novo problema psicológico” (Freud, 1927, p.38). “Qual será a gênese psíquica das idéias religiosas?” Freud deflagra o desejo, “o segredo de sua força reside na força do desejo” (Freud, 1927, p.39). Na formação das ideias religiosas ele está presente, no complexo paterno onde o indivíduo se depara com sua fragilidade, desamparo, diante das adversidades da existência e na necessidade de proteção ante as agruras da vida ele almeja (deseja) por um pai. O desejo humano é ilusão, está situado tanto na formação do corpo doutrinário das idéias religiosas, como na religiosidade.

Se Freud não depositava muita “fé” na religião, onde estaria a resposta para o estágio seguinte as ideias religiosas? A grande estima de Freud pela ciência é a resposta, pois “o trabalho científico constitui a única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos” (Freud, 1927, p.40), o Logos talvez

seja para Freud o único “Deus” livre da ilusão, capaz de sondar a realidade externa e apaziguar nossos “demônios”. Apostar na ciência é, segundo Freud, abandonar a ilusão (idéias religiosas). Para ele, isso já estava acontecendo: “a religião não mais possui sobre o povo a mesma influência que costumava ter” (Freud, 1928, p.47).

Aludir as reflexões freudianas em torno da relação homem-religião, de forma rápida tem seu preço, corre-se o risco de ser superficial. Mas justifica-se tal atitude, não pelo limite de tempo, mas pela proposta diferenciada. Pois ao encontrar em Hans Küng, um teólogo católico, uma leitura acurada e equilibrada do pensamento de Freud sobre a religião, percebe-se o quão superficial foi à leitura que se fez das críticas de Freud à religião. Assim, neste segundo momento, o tom do diálogo será a de um teólogo, que enxerga algo de pertinente no discurso de Freud sobre a religião.

Para pensar a religião, Freud ainda é importante?

Após a confirmação que o “profetismo” de Freud não se cumpriu e que sua análise tanto da religião quanto da religiosidade careciam de mais solidez. Não faltaram autores como Peter Gay em *Freud um Judeu sem Deus* (1992) ou *Porque Freud rejeitou Deus* (2002) de Ana-Maria Rizzuo, para analisar a animosidade de Freud com a religião. Embora os trabalhos citados acima apontem para determinados aspectos psicológicos de Freud, em relação as suas críticas a religião. Ainda sim, não dizem muito sobre a importância que há no pensamento freudiano em sua críticas a religião. É pelas lentes de Hans Küng que pretende-se ver em que medida há algo que deve ser lido em Freud.

Na obra *Freud e a questão da religião* (2005) Küng não só dialoga com o pensamento freudiano como também, com aqueles sobre quais Freud teve grande influência, Frankl, Jung e From, embora o pensamento de Freud seja o tema central. Küng retoma várias críticas que foram feitas á Freud, pela limitada visão que teve sobre o fenômeno religião, mas também encontra algo neste que ainda é bastante atual. Para ele não há retorno depois de Freud, a relação do homem com Deus, com sua fé e a religião devem levar em consideração toda a dinâmica do inconsciente pesquisa por Freud. Para Hans Küng,

a partir de Freud tudo o que é humano, ou seja, toda a atividade consciente individual e social do homem, inclusive sua fé em Deus, tem que ser visto necessariamente em conexão com aquela região da psique que possui suas leis próprias que, não obstante, se subtrai ao controle consciente e à observação direta (Küng, 2005, p. 76-77).

Só a consideração desse elemento psíquico seria uma contribuição relevante ao entendimento do homem e sua relação com a religião, mas Küng vai mais além, procurando responder o que ainda há de importante nas críticas de Freud à religião. Ele diz, “os teólogos têm muito a aprender com Freud” (Küng, 2005 p. 77). Na mesma perspectiva de Küng, outro teólogo, Paul Tillich, embora de confissão teológica protestante, diz o seguinte: “a psicologia profunda (psicanálise) tem sido de infinito valor para a teologia” (Tillich, 2009, p. 172-173). Se há algo a ser aprendido com Freud, segundo Küng, destacamos os seguintes aspectos.

A imunidade das verdades religiosas às críticas da razão. É “como se as suas verdades (religiosas) só pudessem ser sentidas no íntimo, sem terem necessidade de ser compreendidas” (Küng, 2005, p. 78). A ingenuidade em que qualquer religioso pode se encontrar diante de sua fé, vivida e sentida de forma unilateral. Descartando qualquer senso crítico sobre as premissas religiosas. Fazendo o religioso nutrir-se de falácias que terão as consequências mais nefastas. Esse solipsismo religioso tão comum aos fenômenos religiosos pode ser visto na práxis científica. Pois de modo contrário a ciência também há uma ingenuidade ao relegar toda experiência religiosa ao ostracismo das ilusões.

Ainda que Küng tenha um discurso mais equilibrado, de ambas perspectivas, seja da religião ou da ciência, ainda sim há de se voltar à Freud para entender o fenômeno religião e sua relação com o ser humano. Sua objeção a Freud só é contrária, na medida em que aceita também a premissa de que a ciência também pode vir a estar errada. E tal como Paul Ricoeur, que ele mesmo faz referência, Küng encontra em Freud aspectos outros que, se ainda não foram superados pelo ser humano em seu diálogo com a religião, estão “muito vivo” no pensamento de Freud. E tais aspectos podem ser enumerados, seguindo da primeira crítica feita à imunidade das verdades religiosas às críticas. Como perigos que se incorre ao atribuir à religião uma validade acima de qualquer realidade fatural. “Freud busca encontrar na perspectiva psicológico-psicanalítica: emancipação, ampla libertação, mais humanidade por parte dos homens!

[...] Isso seria completamente errado?” (Küng, 2005, p.79). Essas *formas falhas de religião*, de *experimentar* religião transformam-se em ilusão, tentativas de fuga, que misturadas as fragilidades, desamparos (*Hilflosigkeit*), criam o embuste necessário para a explorações de religiosos, que ainda não se deram conta de suas próprias fragilidades ou do elemento humano, também frágil por detrás da religião.

Essa atmosfera na qual o fenômeno religioso é concebido e vivido, pode as vezes estar envolta de “desejos e de mera satisfação de necessidades” (KÜNG, 2005, p. 80), que são originárias das *Hilflosigkeit*. Uma consequência dessa condição na qual o religioso também está exposto é segundo Küng manifestado:

Através de um rígido literalismo, de uma compulsiva e pedante repetição mesquinha de determinadas orações, formulas e rituais, as ideias religiosas aproximam-se das ilusões da loucura, os atos religiosos da satisfação substitutiva através de compulsão cültica repetitiva (Küng, 2005, p. 80).

A rigidez das práticas religiosas e sua ortodoxia (no sentido negativo), engendram no sujeito, mecanismo de castigo e expiação, que se tornam manifestos através de sintomas como lavar as mãos e todas as aquelas atividades rituais que causam sofrimento psíquico.

Por mais que tais aspectos sejam esclarecidos ao indivíduo, ainda sim, há um elemento que por se tratar de uma trama de significados emaranhados uns ao outros, não poderia ser devidamente apreendido aqui. Como a imagem que o crente tem de Deus, que é “conscientemente usado como instrumento pedagógico para disciplinar os filhos, com efeitos negativos de longo prazo sobre a religiosidade dos adolescentes (KÜNG, 2005, p.81). Uma provocadora e intrigante investigação dessa imagem que o indivíduo têm dentro de si de Deus, pode ser encontrada na obra de Ana-Maria Rizzuto, *O nascimento do Deus vivo* (2006), onde coletando análises de casos clínicos, investiga como o ser humano significa e ressignifica, elabora e reelabora a imagem que lhe é oferecida de Deus, e quais as consequências dessa construção seja ela positiva ou negativa para todo o desenvolvimento do indivíduo.

Embora Küng não se prorrogue sobre essa problemática, a angústia que é para o indivíduo romper com a imagem que lhe foi oferecida de Deus, seja ela tradicional ou não, e que reverbera nas suas relações parentais, fazem da imagem de Deus um misto de

ambiguidades para aquele que fixado nessa imagem que é ao mesmo tempo de castigo e amor.

Em suma, Küng sabe que, “mesmo onde ele (Freud) negligencia ou desvaloriza o que se opõe a suas doutrinas – não raro de forma marcadamente dogmática e pouco disposta a admitir correções formais – ele está certo no que pretende” (Küng, 2005, p.84). Pois o malbaratado pensamento de Freud acerca do fenômeno religioso, está imerso em um engodo, que se funde às próprias convicções de Freud. Küng pelo simples fato de ser um teólogo, a priori, não coadunaria com as proposições freudianas, contudo, sua leitura da crítica de Freud á religião é, não só, atenta as entrelinhas do pensamento do próprio Freud, como também equilibrada.

Ainda que as críticas de Freud a religião sejam amenizadas pelos estudos biográficos e em certa medida coloquem Freud em um divã, para analisar sua animosidade com a religião. Então, não podem tais estudos compreenderem de forma extensa o que há de profícuo no pensamento deste, sobre a temática religião, e que seria pertinente para o crescente interesse nos estudos da religião. Muito embora, foi na perspectiva de Küng, em que o diálogo foi estabelecido, que outros teólogos, como o já citado Paul Tillich e Oskar Pfister, também se nutriram das análises de Freud sobre a religião. Fizeram, cada um a seu modo, uso do método criado por Freud para “defender” a religião ou “libertar” o homem desta. Portanto, o aparente tácito interesse da teologia por Freud não é recente, e trazer uma visão de Freud e a religião pela perspectiva de um teólogo não é um desserviço àquele que tanto se pronunciou ateu, é levar as críticas de Freud para dentro daquela disciplina que estão inteiramente ligadas ao objeto religião desde seu nascimento, a teologia.

Talvez mereça destaque, no final dessa segunda parte a obra da psicanalista Sophia de Mijolla-Mellor, *A necessidade de crer: metapsicologia do fato religioso* (2004), onde ela destaca já na introdução o sentido do título e os objetivos da obra, dizendo: “pretendo examinar, portanto, a necessidade de crer sob diversas formas, se afigure elas como alienação ideológica, convicção delirante, arte, crença religiosa ou mesmo a crença em determinada teoria” (Mijolla-Melor, 2004, p.10).

Considerações finais

“É sabido que de uns tempos para cá a psicologia (a psicanálise também) começou a abandonar as posições *a priori* negativas que no passado caracterizavam seu confronto com a religião e a teologia” (Reis Valle, 2008, p.84). Essas posições que em larga medida são tributárias de um *Zeitgeist* que em grande parte os contemporâneos de Freud e ele mesmo compartilhavam. Só foram diluídas quando o caminho científico não se mostrou mais tão seguro tanto quanto as proposições religiosas. E mesmo que:

O objetivo perseguido por Freud em sua luta contra a religião é a libertação do ser humano. O ser humano deve libertar-se de toda autoridade ameaçadora ou protetora, deve aprender a voltar-se para si, para que possa desdobrar plenamente sua razão. O caminho rumo a este objetivo não passa sobre a religião, mas sobre a ciência (H. Muller-Pozzer apud Norbert Mette, 1997, p.100).

O que fazer? Como proceder agora que nem a ciência se mostra imune de críticas, que a epistemologia e o próprio método da ciência avançam demonstrando que nem todo aparato científico é suficiente para explicar a realidade, a ciência então se revela insuficiente para aferir determinados fenômenos, sejam eles objetivos ou subjetivos. Em, *O triunfo da religião* (2005), Jacques Lacan já apontava para aquilo que hoje é percebido de forma mais incisiva sobre o fenômeno religioso, dizendo:

E religião vai dar sentido às experiências mais curiosas, aquelas pelas quais os próprios cientistas já começam a sentir uma ponta de angústia. A religião vai encontrar sentidos truculentos. É só ver o andar da carruagem, como eles estão se atualizando (Lacan, 2005,p.66).

Essa polissemia a que Lacan se refere é o que torna a religião um objeto de estudo complexo e extremamente “sedutor”, não só àquele que afiniza-se com seus preceitos éticos e morais, mas também aquele que lhe perscruta de forma intelectual, científica. E o discurso de Freud é uma das perspectivas sobre a quais também se pode pensar a religião, não de forma completa, mas em consonância com os desejos do indivíduo religioso. Sabendo antes de tudo, que por mais que o método de pesquisa se revele livre de falhas, ainda sim, não haveria de captar a miríade de elementos envoltos no fenômeno religião. E se o homem, ainda não foi capaz de ultrapassar as críticas de Freud no que tange a relação homem-religião, e se seus desejos e fantasias ainda são um empecilho para uma relação equilibrada com a religião, no exercício de sua religiosidade, então o discurso de Freud é pertinente.

Referências

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. (Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21). Rio de Janeiro: Imago (originalmente publicado em 1927)

LACAN, Jacques. *O seminário I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1953 – 1954.

LACAN, Jacques. *O triunfo da religião: precedido do discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

METTE, Norbert. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis: Editora Vozes. 1997.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. *A necessidade de crer: metapsicologia do fato religioso*. São Paulo: Unimarco Editora, 2004.

RODRIGUES, Patrícia M. *Religião, ciência e arte como respostas ao desemprego humano: a perspectiva de Sigmund Freud*. 2009. 96f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

REIS VALLE, João E. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: Mauro Martins Amatuzy (org.) *Psicologia e Espiritualidade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

KÜNG, Hans. *Freud e a questão da religião*. Campinas, SP: Versus Editora. 2006.